

OS BORDADOS DE JOÃO CÂNDIDO

JOÃO CÂNDIDO'S EMBROIDERIES

José Murilo de Carvalho*

CARVALHO, J. M. de. 'João Cândido's embroideries'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, II (2), 68-84 Jul.-Oct. 1995.

Now brought to light for the first time, two pieces of embroidery stitched by João Cândido provide the basis for revising and expanding knowledge about the personality of the most well-known leader of the 1910 Sailors' Revolt, also known as the Revolta da Chibata ("rebellion of the whip"). These pieces also clarify aspects of sailors' day-to-day lives back at that time.

KEYWORDS: João Cândido, Navy, sailors, Revolta da Chibata, embroidery.

Bordando as águas da Guanabara

* Doutor em ciência política pela Universidade de Stanford (EUA), professor do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro.

Pânico e fascínio tomaram conta da população do Rio de Janeiro entre os dias 23 e 26 de novembro de 1910, tempo que durou a Revolta dos Marinheiros contra o uso da chibata e outras práticas humilhantes vigentes na Marinha brasileira.

O pânico ficava por conta do aspecto apavorante dos grandes encouraçados, o *São Paulo* e o *Minas Gerais*, recém-incorporados à esquadra como parte do programa de renovação naval iniciado em 1906. Os dois tinham sido construídos na Inglaterra de acordo com o modelo do *Dreadnought*. Eram os mais poderosos e modernos navios de guerra do mundo. Juntos, exibiam em suas torres giratórias um total de 84 canhões, entre os quais 24 com assustadoras bocas de 305mm. Aqueles que tiveram a oportunidade de assistir ao filme *O Encouraçado Potemkin* devem guardar na memória os *closes* desses canhões impressionantes. Aos imponentes encouraçados juntavam-se o também moderno *scout Bahia*, com 16 canhões e dois tubos lança-torpedos, e o velho mas ainda respeitável encouraçado *Deodoro*.¹

¹ Para descrição técnica dos navios envolvidos na revolta, bem como para visão razoavelmente equilibrada dos acontecimentos, ver Martins, 1988.

Era um tremendo poder de fogo, capaz de causar grandes danos se dirigido contra a cidade. Tiros esparsos, de pequeno calibre, dirigidos contra fortalezas e partes da cidade, ou contra outros navios, tinham causado efeito imediato. A segunda edição do *Correio da Manhã* do dia 23 anotava: "A cidade está completamente em pânico." Alguns tiros do *São Paulo*, aparentemente dirigidos contra o Catete, levaram o repórter desse jornal a anotar: "É indescritível o pânico estabelecido entre o povo que se acu-

mulava na praia.” A edição do dia 24 do mesmo jornal trazia fotos de duas crianças despedaçadas por estilhaços de granadas disparadas do *Minas Gerais*, reforçando os temores do que podia suceder caso a cidade fosse bombardeada. Durante toda a revolta, até o dia da rendição, 26 de novembro, o perigo de tal bombardeio pairou no ar e nas águas, mantendo a população em suspense a cada manobra e a cada tiro dos navios. Em certos momentos, o pânico levou milhares de bravos cidadãos cariocas, sobretudo moradores da orla marítima entre a Praça 15 de Novembro e Botafogo, a fugirem, os pobres para os subúrbios, os ricos para Petrópolis.

O fascínio devia-se ao espetáculo das evoluções das quatro belonaves pela baía da Guanabara. A chegada dos grandes encouraçados, poucos meses antes, fora uma festa, motivo de orgulho nacional, o país passava a ter as belonaves mais poderosas do mundo. Agora as imponentes máquinas de guerra apresentavam um espetáculo inédito. Moviam-se constantemente dentro da baía, desde as ilhas do Viana e do Mocangüê, perto de Niterói, passando pelas ilhas Fiscal, das Cobras e Villegagnon. Às vezes saíam baía afora, por entre as fortalezas de Lage, Santa Cruz e São João, transferindo o espetáculo, e o medo, para Copacabana.

Jornalistas e outros observadores deixaram registrado o espanto e a admiração causados entre a população. A segunda edição do *Correio da Manhã* do dia 24 fala em milhares de pessoas assistindo “boquiabertas” às “admiráveis e prontas evoluções” dos quatro navios rebelados. E não só leigos ficaram admirados. O comandante do *Duguay-Trouin*, navio francês surto na baía, com quem o comandante do *Minas Gerais* jantara na noite da revolta, também manifestou grande surpresa com a correção da evolução dos navios, não observada sob o comando dos oficiais. Oficiais desse cruzador teriam dito que os rebeldes eram os primeiros marinheiros do mundo. Rui Barbosa, em discurso no Senado no dia 29, lembrava a exclamação de um representante da casa Armstrong, retido no *Minas Gerais*: “Really, it is marvelous!”² Como chefe da revolta, os jornais e o mediador entre o governo e os rebeldes, José Carlos de Carvalho, apontavam João Cândido, marinheiro de primeira classe e primeiro timoneiro do *Minas Gerais*. O jovem Gilberto Amado (1910), recém-chegado ao Rio, manifestou admiração pela “perícia magistral” dos rebeldes e disse de João Cândido que, no comando dos navios, “fazia parnasianismo de manobra”. João Cândido bordava as águas da baía com o lento e majestoso evoluir dos encouraçados.

A exibição de competência e, sobretudo, de elegância nas manobras chocava-se com a imagem que se tinha dos marinheiros nacionais: homens rudes, brutos, recrutados na marginalia das

² Sobre as declarações dos oficiais do *Duguay-Trouin*, ver a correspondência do encarregado de Negócios da França, Lacombe, ao ministro Pichon, de 28.11.1910; e também *Correio da Manhã* de 28.11.1910. O discurso de Rui Barbosa está em *Obras Completas*, 1971, p. 207.

idades, quando não entre condenados das casas de detenção. Na avaliação dos oficiais, os marinheiros eram a ralé, a escória da sociedade, eram facínoras que só a chibata podia manter sob controle.

João Cândido Felisberto não fugia ao figurino. Um crioulo alto e forte e feio, boca enorme, maçãs salientes, trinta anos de idade em 1910. Filho de ex-escravos, pai alcoólatra, entrara para a Marinha em 1895, com 15 anos. Em 1910, ainda era semi-analfabeto, lia mas não escrevia. Nos 15 anos de engajamento, fora promovido a cabo, mas por mau comportamento tinha sido rebaixado a marinheiro de primeira classe. Envolvera-se em lutas corporais com colegas e espancara outros. Em 1909, dera uma chibatada em um grumete que, em represália, o esfaqueara nas costas.³

³ Apesar de abertamente favorável ao marinheiro, o melhor livro sobre João Cândido ainda é o de Edmar Morel, *A Revolta da Chibata*, 1979 (a primeira edição é de 1958). A visão de um oficial da Marinha pode ser obtida no esboço feito pelo capitão-de-mar-e-guerra Luís Alves de Oliveira Belo, sob encomenda do Serviço de Documentação Geral da Marinha. O texto encontra-se no Arquivo Histórico da Marinha sob o título 'Suscintos (*sic*) elementos autênticos da vida do ex-marinheiro João Cândido na Marinha de Guerra, entre os anos de 1895-1912'. Apesar de conter os preconceitos usuais contra João Cândido, o esboço tem o mérito de usar depoimentos e fontes documentais da Marinha.

Em 1910, João Cândido era o que na Marinha se chamava de um conegaço, um gorgota, vale dizer, um marinheiro experiente que se impunha aos mais novos e subalternos, sobretudo aos grumetes, pela autoridade da experiência e pela força dos músculos. A robustez física era exigência da marinharia a vela e condição indispensável para alguém se impor em um meio tão rude em que brigas e esfaqueamentos eram freqüentes. Os conegaços cumpriam também o papel de treinar os jovens grumetes e protegê-los contra abusos de outros marinheiros. A proteção raramente era desinteressada (Martins, 1988, p. 13; Belo, s. d., p. 7; Freyre, 1974).

Como poderia estar o rude conegaço João Cândido a fazer parnasianismo de manobra nas águas da Guanabara?

Onde entra o acaso

Em fevereiro de 1985, em uma das visitas periódicas a São João del Rei, minha atenção foi chamada para duas toalhas bordadas conservadas no Museu de Arte Regional da cidade. A curiosidade virou assombro quando fui informado de que os bordados tinham sido feitos por ninguém menos do que João Cândido Felisberto. O conegaço João Cândido fazendo bordados? E esses bordados vindo parar no interior de Minas? Era muita surpresa junta para que o fato fosse aceito sem maiores investigações. Com minha mulher jornalista fomos atrás de confirmação da autenticidade dos bordados.

Eles tinham sido doados ao museu por Antônio Manuel de Sousa Guerra, *Niquinho*, pessoa conhecida em São João por sua luta em favor do desenvolvimento do teatro local. Por sorte, Antônio Guerra ainda vivia, velho de 92 anos, apenas 12 anos mais moço que João Cândido. Na modesta casa, exibia com

orgulho uma biblioteca especializada em teatro, tendo ele próprio escrito um livro sobre a história do teatro em São João del Rei. Sua memória ainda funcionava bem, apesar de uma ou outra falha.

Antônio Guerra confirmou a história dos bordados. Em 1910 era praça do 51^o Batalhão de Caçadores (BC) de São João del Rei. Por ser alfabetizado, fora promovido a sargento com apenas 18 anos de idade. A grande maioria das praças era analfabeta e, segundo ele, precisava de castigo físico para se enquadrar na disciplina militar. Por ocasião da Revolta dos Marinheiros, o batalhão foi chamado ao Rio de Janeiro para auxiliar no policiamento da cidade. Após a revolta subsequente do Batalhão Naval (BN), vieram também batalhões de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Chamar batalhões de outros estados para auxiliar no patrulhamento da capital era prática comum na época, tal o grau de insegurança do governo em relação às tropas sediadas no Rio de Janeiro.

O batalhão passou por Niterói e pelo Arsenal de Marinha e foi, finalmente, encarregado da guarda dos presos da revolta de 22 de novembro, encarcerados na ilha das Cobras. Entre eles estava João Cândido. Antônio Guerra, por “ser da graça do major” comandante do batalhão, conseguiu permissão para descer aos porões onde se conservavam os presos e fez amizade com João Cândido de quem diz ter-se tornado “uma espécie de amigo”.⁴ O preso não se queixava das condições da prisão, mas reclamava da falta de jornais. Embora sabendo que cometia uma infração, o sargento fez um trato com o preso: traria o jornal sob a condição de João Cândido o ler às escondidas, durante o almoço, devolvendo-o logo a seguir. Antônio Guerra não mencionou que jornal comprava. Se dependesse da preferência de João Cândido, seria o *Correio da Manhã* ou o *Diário de Notícias*.⁵

O que mais chamou a atenção do jovem sargento interiorano, no entanto, foi o fato de o temido João Cândido, que com seus marujos assustara a cidade e forçara o governo a buscar ajuda de tropas mineiras, passar o tempo todo bordando. O sargento jamais vira homem bordando e o primeiro fora João Cândido. Ficou particularmente interessado em um grande bordado do *Minas Gerais* e propôs comprá-lo. João Cândido respondeu que lhe daria o bordado de presente, que, na verdade, o estava fazendo para ele. Por alguma razão, de que Antônio Guerra não se lembra (provavelmente a transferência de João Cândido para o Hospital de Alienados em 18 de abril de 1911), o carcereiro não ganhou o *Minas Gerais*. Em compensação, João Cândido lhe deu duas toalhas bordadas, uma com o tema *O adeus do marujo*, e a outra

⁴ Segundo o *Correio da Manhã* de 24.11.1910, o comandante do 51^o BC era o tenente-coronel Gustavo Sarahiba. Após tantos anos, o pequeno erro de Guerra quanto ao posto do comandante é absolutamente normal.

⁵ De acordo com as anotações dos médicos, esses eram os jornais que João Cândido pedia para ler quando estava internado no Hospital Nacional de Alienados (Morel, 1979, p. 184).

Amôr (sic). São esses os dois bordados que se encontram no Museu de Arte Regional.

A hora da angústia

Quando foram bordadas as toalhas? Antônio Guerra não precisou a data em que foi carcereiro de João Cândido. Tudo indica, no entanto, que foi entre 24 de dezembro de 1910 e 18 de abril de 1911. Na véspera do Natal de 1910, João Cândido fora transferido do Quartel-General do Exército para a solitária da ilha das Cobras, lá permanecendo até a segunda data, quando foi levado para o Hospital de Alienados, de onde só regressou dois meses depois. O 51^o BC foi chamado ao Rio por telegrama do general Caetano de Faria, inspetor da 9^a Região Militar, no dia 23 de novembro. Um trem especial da Central do Brasil fez o transporte. Regressou a São João no dia 28, mas foi novamente convocado no dia 12 de dezembro, após a revolta do Batalhão Naval. Não seria razoável supor que só em junho de 1911, quando João Cândido regressou à ilha, fosse encarregado da guarda dos presos.

A ser correto o raciocínio, os bordados teriam sido feitos durante o que foi provavelmente o pior momento da vida de João Cândido. Entre 22 e 26 de novembro ele tivera seu momento de glória. Aparecera na imprensa da capital, do país e mesmo do exterior como o líder da revolta dos marinheiros. Colocara o governo contra a parede, arrancando uma anistia votada a toque de caixa pelo Congresso. Fora promovido a almirante pela imprensa, para o ódio dos oficiais da Marinha. Depois vivera um período de tensão e insegurança, entre a anistia do dia 25 de novembro e a revolta do Batalhão Naval a 9 de dezembro. Apesar de ter ficado ao lado do governo durante esta última revolta, de ter mesmo ordenado o bombardeio do quartel dos fuzileiros, enquanto os oficiais do *Minas Gerais* abandonavam covardemente o posto, João Cândido foi preso a 13 de dezembro quando se dirigia ao Arsenal de Marinha. Começou, então, seu calvário, pois nem o governo nem os oficiais da Marinha se conformavam com a anistia e usaram a segunda revolta como pretexto para uma vingança mesquinha e criminosa.

Preso incomunicável no 1^o Batalhão de Infantaria (BI), no Quartel-General do Exército, até 24 de dezembro, foi nesse dia transferido para a solitária da ilha das Cobras com mais 17 companheiros. Deu-se, então, um dos episódios mais revoltantes da história da Marinha. Os 18 presos foram jogados em uma cela recém-lavada com água e cal. A cela ficava em um túnel subterrâneo do qual era separada por um portão de ferro.

Fechava-a ainda grossa porta de madeira dotada de minúsculo respiradouro. O comandante do Batalhão Naval, capitão-de-fragata Marques da Rocha, por razões até hoje não esclarecidas, levou consigo as chaves da cela e foi passar a noite de Natal no Clube Naval, embora residisse na ilha.

A falta de ventilação, a poeira da cal, o calor, a sede começaram a sufocar os presos, cujos gritos chamaram a atenção da guarda na madrugada de Natal. Por falta das chaves, o carcereiro não podia entrar na cela. Tentaram chamar Marques da Rocha no Clube Naval. Ou porque não o localizaram, ou porque não quis atender ao chamado, Marques da Rocha só chegou à ilha às oito horas da manhã. Ao serem abertos os dois portões da solitária, só dois presos sobreviviam, João Cândido e o soldado naval João Avelino. O Natal dos outros fora paixão e morte.⁶

⁶ O episódio é descrito por Morel (1979), Belo, (s.d.), Martins (1988). Há pontos até hoje obscuros. Um deles é por que Marques da Rocha não atendeu ao chamado do carcereiro que telefonou para o Clube Naval. O outro é sobre a versão de ter o carcereiro jogado cal sobre os presos quando reclamavam. Em sua defesa escrita, João Cândido diz que não jogaram cal sobre os presos (Belo, s. d., p. 33). No depoimento a Morel, diz que foi jogada água de cal a pretexto de desinfetar a cela. Como estavam presos há poucas horas, o mais provável é que a cela tenha sido desinfetada antes com água de cal que, ao secar, produziu a poeira.

Entre covarde e cínico, o médico da Marinha diagnosticou a causa da morte como sendo insolação! Marques da Rocha foi absolvido em Conselho de Guerra, promovido a capitão-de-mar-e-guerra e recebido em jantar pelo presidente da República. João Cândido continuou na prisão às voltas com os fantasmas da noite de terror. Edmar Morel (1979, p. 182) registrou assim seu depoimento: “Depois da retirada dos cadáveres, comecei a ouvir gemidos dos meus companheiros mortos, quando não via os infelizes, em agonia, gritando desesperadamente, rolando pelo chão de barro úmido e envoltos em verdadeiras nuvens de cal. A cena dantesca jamais saiu dos meus olhos.”⁷

⁷ O “dantesco” é provavelmente uma contribuição literária de Morel.

Por recomendação de junta médica da Marinha, foi removido, a 18 de abril de 1911, para o Hospital Nacional de Alienados, na Urca. O diretor do hospital, Juliano Moreira, designou um médico e um enfermeiro para assistir o paciente. Os relatórios dos médicos descrevem João Cândido como pessoa calma, humilde, reservada, de humor variável. Nos primeiros dias revelava profundo abatimento. No relatório final, os médicos ainda registram “depressão permanente” e “certo grau de enfrachecimento da afetividade” (Morel, 1979, p. 185).

Os bordados teriam, então, sido feitos após a morte dos companheiros e antes da remoção para o hospital. Devem ter servido como uma espécie de autoterapia instintiva para fugir dos fantasmas que o perseguiam. Traumatizado pelas mortes, sentindo-se injustiçado pela traição do governo e fragilizado pela situação de preso incomunicável, João Cândido encontrou nos bordados a forma para extravasar seus sentimentos. Daí seu valor único como documento revelador do lado humano do marinheiro.

Os bordados de João Cândido

A primeira coisa a registrar sobre os bordados é a surpresa do fato em si. Nenhum biógrafo de João Cândido, nenhum historiador da revolta, menciona suas habilidades de bordador. Nem mesmo Edmar Morel que com ele conviveu vários anos. No entanto, Antônio Guerra foi taxativo: o preso passava o dia bordando. Embora toscos, os bordados certamente não são obra de alguém que se aventurava pela primeira vez neste tipo de artesanato. João Cândido sabia bordar e sem dúvida aprendera a arte em sua vida de marinheiro. Teria parado de bordar ao sair da Marinha? Por que não mencionou esta sua habilidade nas inúmeras entrevistas que deu? A única explicação que me ocorre é que escondeu o fato devido ao preconceito social, que considerava a atividade de bordar própria de mulher. O interiorano Antônio Guerra não seria o único a estranhar o fato de ver um homem bordando. A maioria das pessoas da época teriam a mesma reação. A estranheza seria maior ainda em se tratando de um suposto machão, herói de uma revolta audaciosa.

⁸ Cabe lembrar aqui o caso de Arthur Bispo do Rosário, falecido em 1989. Marinheiro como João Cândido, foi preso algumas vezes na ilha das Cobras. Internado durante muitos anos na Colônia Juliano Moreira, tornou-se artista reconhecido. A última exposição de sua obra no Museu de Arte Moderna em janeiro de 1993 mostra várias peças bordadas. Salientam-se uma túnica cheia de medalhas, com mangas bordadas ao estilo das dos oficiais da Marinha, e um largo poncho com profusão de bordados, alguns representando distintivos militares. Não seria de estranhar se foi na Marinha que Bispo também aprendeu a bordar.

Na Marinha o fato talvez não causasse espécie. João Cândido convivera com a velha Marinha a vela, fora excelente gajeiro, isto é, encarregado de mastro, um mestre da marinharia. Boa parte do trabalho do gajeiro tinha que ver com a complicada cordoalha que sustentava e movimentava as velas. Saber lidar com todas as cordas e cabos, manipulá-los, trançá-los, dar nós de todos os tipos, João Cândido sem dúvida fazia muito bem. Daí a bordar era apenas um passo. A busca de um passatempo para as longas horas de inatividade, sobretudo nos momentos de calma, teria sido o incentivo adicional para o desenvolvimento do *hobby*. Os bordados atestam assim a condição de marinheiro antigo, formado antes da chegada das grandes belonaves modernas, como o *Minas Gerais*, em que predominavam exigências de conhecimento de mecânica, eletricidade, telegrafia.⁸

Adeus de marujo

O bordado *O adeus do marujo* tem o formato de uma toalha de rosto e se encontra em boas condições de conservação, exceto por uma mancha que atinge sua metade inferior, provavelmente causada pelo derramamento de algum líquido. A mancha não prejudica a nitidez do desenho. Na parte de cima, do lado esquerdo, estão bordadas as letras JCF, sem dúvida iniciais de João Cândido Felisberto. No centro, ainda em cima, o título *O adeus do marujo*. À direita a palavra 'Ordem'. No centro da toalha, o motivo princi-

pal: na horizontal duas mãos se cumprimentam, na vertical uma âncora intercepta as mãos. Circundando as mãos e parte da âncora, dois ramos, que lembram os ramos de café e tabaco da bandeira imperial e das armas da República. Abaixo da âncora, o nome F. D. Martins, sem dúvida referência a Francisco Dias Martins, comandante rebelde do *Bahia*. Embaixo, do lado esquerdo, a palavra 'Liberdade', do lado direito a data 'XXII de novembro de MCMX', dia da eclosão da revolta. A distribuição dos elementos no espaço da toalha é geométrica, palavras e letras nos quatro cantos e o motivo principal no centro.

A interpretação mais óbvia do bordado é de que se trata de uma despedida de João Cândido e Francisco Dias Martins. Este último era marinheiro de primeira classe, paioleiro do *scout Bahia*. Com apenas 21 anos, vinha da Escola de Aprendizes Marinheiros de Fortaleza. Tinha alguma educação e embarcara no *Bahia* ainda na Inglaterra. Estava nesse navio quando de uma viagem ao Chile, em agosto de 1910, para participar das comemorações do centenário da independência daquele país. Consta ter sido ele autor de carta anônima ao comandante do navio ameaçando uma revolta dos marinheiros caso continuasse o uso da chibata a bordo. É certo que foi o líder da rebelião no *Bahia* e muitos aceitam também ter sido ele a cabeça pensante da revolta, preparada em reuniões nos navios e em uma casa de cômodos da rua dos Inválidos, 71.⁹

⁹ São escassas as informações sobre Dias Martins. Os documentos mais importantes sobre sua atuação são depoimentos de oficiais e marinheiros. Alguns constam do relato do capitão-tenente Heitor Xavier Pereira da Cunha (1910). Um ex-marujo, cujo nome não é revelado, teria afirmado que Dias Martins foi o articulador e principal líder da revolta. João Cândido de nada saberia. Outro documento, por alguns atribuído ao próprio Dias Martins, é uma carta anônima enviada em 1949 ao comandante Luís de Alencastro Graça. A carta é sem dúvida de alguém que participou dos acontecimentos no *scout Bahia*. A ênfase é toda na atuação de Dias Martins. A carta foi reproduzida em Martins, 1988, pp. 221-34.

São pouco claras suas relações com João Cândido e a responsabilidade de cada um na revolta. Martins pediu baixa da Marinha no dia 8 de dezembro, antes da revolta do Batalhão Naval. Mas foi preso assim mesmo e, como João Cândido, submetido a um Conselho de Investigação e a um Conselho de Guerra. Estava preso na ilha das Cobras, provavelmente junto com João Cândido, no início de 1911. Antônio Guerra menciona o fato de estar João Cândido sempre junto com seu "ajudante" e que o nome desse ajudante estaria no bordado *O adeus do marujo*. O ajudante seria, nesse caso, Dias Martins. Edmar Morel, por sua vez, afirma terem João Cândido e Dias Martins mantido relações cordiais após a libertação de ambos em 1912. Parece lógico, portanto, interpretar o bordado como um comovido adeus de João Cândido a seu companheiro de revolta e de infortúnio.

Mas há uma dificuldade com esta interpretação. Aparece também nos bordados parte das mangas das fardas. Uma das mangas é branca e tem no pulso botões e galões de almirante, ao passo que a outra é de simples marinheiro. Tratar-se-ia, então, da despedida de um almirante e de um marinheiro? Nesse caso, quem seria o almirante? Já vimos que durante a revolta alguns jornalistas promoveram João Cândido a almirante, talvez por

causa da versão então espalhada de ter ele envergado túnica de oficial durante a revolta. A revista *Careta*, de 10 de dezembro de 1910, traz na capa caricatura de João Cândido vestindo a túnica branca de almirante, com os galões na manga. O marinheiro sempre negou que tivesse usado farda de oficial e as fotos da época lhe dão razão. Está sempre vestido de marinheiro, como os outros, exceto por um lenço de seda branco e vermelho em torno do pescoço.

Mas há que se levar em conta o depoimento de Júlio de Medeiros, repórter do *Jornal do Brasil*, que o viu no dia 24 usando na cinta uma espada dourada de oficial. Luís Alves de Oliveira Belo conta que, no regresso do *Minas Gerais* da Europa, na passagem da linha do Equador, João Cândido foi escolhido para representar Netuno na celebração de costume. Ele apareceu com uniforme branco, em cujas mangas pregara os galões de comandante. Poderia João Cândido ter-se deixado levar pela fantasia ao ponto de se representar no bordado ocupando o mais alto posto da Marinha? (*Jornal do Commercio*, 25.11.1910; Belo, s. d., p. 8).

É duvidoso. São poucas as indicações de que fosse megalomaniaco ou mesmo vaidoso. Uma delas está em depoimento que deu a Hélio Silva em 1968, quando afirmou ser o melhor timoneiro do mundo, só sobrepujado pelo *kaiser* Guilherme II da Alemanha, que vira certa vez dirigindo o iate real (Martins, 1988, p. 245). Uma das poucas vaidades que talvez tivesse era a oratória. Gostava de discursar sempre que se apresentava oportunidade. Por outro lado, ao repórter do *Correio da Manhã*, que esteve no *Minas Gerais* em 26 de novembro, afirmou que não havia distinções a bordo e que se orgulhava de ser marinheiro. As pessoas que tiveram contato com ele, durante e após a revolta, como jornalistas, médicos do Hospital de Alienados, Edmar Morel, transmitem a imagem de uma pessoa antes modesta e humilde do que vaidosa.

De que outro almirante poderia tratar-se? Seria referência a Alexandrino de Alencar, ex-ministro da Marinha, cuja família protegia a gente de João Cândido na distante Rio Pardo e que convivera com o marinheiro quando comandante do *Riachuelo*? O bordado confirmaria, nesse caso, a acusação de inimigos de João Cândido que o apontam como bajulador de oficiais? Outra possibilidade é que o quadro represente a despedida de João Cândido e Dias Martins da Marinha, simbolizada pela âncora e pela farda de almirante. O amor de João Cândido pela Marinha era inegável. Ao já referido repórter afirmou: “Sou marinheiro e hei de morrer marinheiro.” Muito mais tarde, quando o *Minas Gerais* foi vendido como sucata, em 1953, ele foi surpreendido

num pequeno caíque beijando, entre lágrimas, o casco do velho encouraçado. Ao visitá-lo em seu barraco de subúrbio, Edmar Morel anotou a presença nas paredes de folhinhas com desenhos de navios (*Correio da Manhã*, 21.11.1910; Morel, 1979, pp. 239-43). Não há como resolver o enigma. A linguagem simbólica do bordado suscita mais perguntas do que fornece respostas.

As dificuldades não terminam aí. A palavra 'Liberdade' na parte inferior do desenho é o que se esperava de um rebelde. Durante a revolta ela foi usada muitas vezes. Em um dos manifestos ao ministro da Marinha, os revoltosos "imploram de S. Excia. a Liberdade". Uma foto dos paioleiros do *São Paulo*, publicada pela revista *Careta* e usada na capa do livro de Edmar Morel, mostra um marinheiro segurando uma faixa com a palavra 'liberdade'. Era lembrança clara do fantasma da escravidão que ainda pesava sobre a marinhagem. Parte desta, como o próprio João Cândido, tinha sido escrava ou descendente de escravos. Os marinheiros, com muita percepção, relacionavam o uso da chibata com a condição de escravos. Pedir o fim da chibata era pedir o fim da escravidão, a instauração da liberdade. No mesmo manifesto, os marinheiros pediam que a Marinha fosse "uma Armada de cidadãos e não uma fazenda de escravos que só têm dos seus senhores o direito de serem chicoteados".¹⁰

Mas e a palavra 'Ordem' no alto do desenho? Como entendê-la na voz, ou no bordado, de um rebelde? Há aí outra indicação da complexidade da alma de João Cândido. Nada em sua biografia aponta na direção do rebelde de 1910. Ele era protegido do almirante Alexandrino de Alencar. Quando preso, afirmou que nunca sofrera o castigo da chibata. Na Inglaterra, quando aguardava os últimos retoques no *Minas Gerais*, mandara pintar a carvão o perfil de Nilo Peçanha, então presidente da República (o ministro da Marinha era Alexandrino). De volta ao Rio, foi recebido por Nilo Peçanha para a entrega do retrato. As informações sobre o início da revolta no *Minas Gerais* revelam que João Cândido só apareceu quando o navio já tinha sido tomado pelos rebeldes, ao custo das vidas do comandante Batista das Neves, dos tenentes José Cláudio e Mário Lahmeyer e de algumas praças. Sua conduta durante todo o movimento foi de equilíbrio e moderação, resistindo sempre às pressões dos marinheiros mais radicais. Mandou atirar ao mar a bebida existente a bordo. Após a anistia, entregou aos oficiais uma lista dos companheiros mais exaltados, para que fossem desembarcados. Durante a revolta do Batalhão Naval, deu várias demonstrações de lealdade ao governo, chegando ao ponto de bombardear o quartel dos fuzileiros. Tudo isto e a convivência diária com a disciplina de bordo faziam de João Cândido também um homem da ordem, como o *Bom-crioulo*

¹⁰ A foto está no nº 131 de *Careta*, de 3.12.1910. O manifesto está reproduzido em Morel, 1979, p. 90.

de Adolfo Caminha. Quinze anos de Marinha não podiam deixar de marcar profundamente seus valores e seu estilo de vida. Sintomaticamente, no dia 26, depois de arriada a bandeira vermelha da revolta, o *Minas Gerais* ainda ostentava uma faixa branca com os dizeres ‘Ordem e Liberdade’. O bordado reproduzia fielmente a faixa exibida durante a revolta.

A relação complexa entre ordem e liberdade na cabeça dos marinheiros aparece de maneira contundente no depoimento de um contemporâneo de João Cândido, publicado no *Jornal do Brasil* de 8 de dezembro de 1988. Adolfo Ferreira dos Santos, seu Ferreirinha, era marinheiro à época da revolta e tinha apanhado muitas vezes com vara de marmelo. Justifica a revolta, mas afirma, de maneira surpreendente, que “chicotadas e lambadas que levei quebraram meu gênio e fizeram com que eu entrasse na compreensão do que é ser cidadão brasileiro”. Tão forte fora a marca da escravidão que podia levar alguém a ver a punição física como pedagogia cívica. João Cândido, pelo menos, rejeitava o resíduo escravista da chibata.

Amor de marujo

O outro bordado possui simbologia mais transparente, embora seja mais intrigante que o primeiro. Do mesmo tamanho, em forma de toalha de rosto retangular, está bem conservado. Ao contrário do primeiro, o desenho foi feito na horizontal. Ao alto, ocupando quase toda a extensão do pano, duas pombas erguem pelo bico uma faixa que traz a inscrição ‘Amôr’ (*sic*). Logo abaixo, um coração atravessado por uma espada jorra gotas de sangue rubro pelos ferimentos de entrada e saída. Dos dois lados do coração, flores, borboletas e um beija-flor. Não há nomes nem datas. Como no primeiro bordado, o desenho é ingênuo e algo tosco. Mas a composição é mais límpida e o uso do vermelho lhe confere maior poder dramático.

O coração de João Cândido sangrava por alguém. Quem seria esse alguém? Não há informações que permitam uma resposta segura. Pode-se apenas conjecturar.

No livro de Edmar Morel, há referência a apenas um amor de João Cândido durante o período de sua prisão. Trata-se de uma viúva com quem ele se teria encontrado algumas vezes quando estava internado no Hospital de Alienados. Os enfermeiros eram tolerantes e lhe permitiam umas escapadas, que ele aproveitava para visitar uma enfermeira da Santa Casa que morava na rua da Passagem. Mas, se é correta a data que atribuímos aos bor-

dados, o encontro com a viúva teria acontecido depois de sua feitura. Não teria sido, portanto, a viúva a causadora de sua dor.

Teria sido Dias Martins? Não parece provável. Embora fosse Dias Martins um jovem de 21 anos, nove menos do que João Cândido, de boa aparência, simpático, diante de quem os próprios juizes do Conselho de Guerra se enterneceram, as relações entre ele e João Cândido não poderiam ter sido as que normalmente existiam nos casos de amor entre marinheiros. Apesar da idade e da aparência, Dias Martins é reconhecido por muitos como um rebelde, um líder, um agitador com capacidade intelectual superior à da maioria dos companheiros. Além disso, era marinheiro de primeira classe, como João Cândido, embora estivesse na Marinha há apenas quatro anos. Não consta também que tivesse servido junto com João Cândido em algum navio. O típico amor de marinheiro, segundo se pode deduzir de *Bom-crioulo* e de depoimentos da época, era o de um conegaço ou de um oficial por um jovem grumete, em geral um “menino bonito”. O amor de marinheiro não se dava entre iguais, envolvia relação de hierarquia funcional, hierarquia de idade, hierarquia de experiência. Como lembra Gilberto Freyre, o conegaço era um protetor, um tutor, um pai, além de amante, do jovem grumete. Não poderia ser essa a relação entre João Cândido e Dias Martins. Acrescente-se ainda a existência de depoimentos que revelam um surdo ressentimento de Dias Martins contra João Cândido, pelo fato de ter sido atribuída a este toda a glória da chefia da revolta.¹¹

O coração de João Cândido estaria sangrando por algum grumete do *Minas Gerais*? É uma possibilidade. O desenho, apesar de lidar com um tema geral, o amor, não deixa de ser ‘marinheiro’. João Cândido deve ter-se inspirado nas representações de Nossa Senhora das Dores, em que o coração de Maria aparece atravessado por punhais. Mas ele amarinheirou a representação, substituindo o punhal por uma espada de oficial da Marinha. Com seus 15 anos de Marinha, sua reconhecida competência como gajeiro e timoneiro, seu físico imponente, João Cândido poderia facilmente enquadrar-se no modelo do Bom-crioulo. Não seria de admirar que tivesse seu Aleixo, o belo grumete louro de olhos azuis, 15 anos de idade, que entrara tempestuosamente na vida do Bom-crioulo.

A propósito, é intrigante a presença de um marinheiro jovem e bem-apeçoado ao lado de João Cândido em fotos de jornais e revistas da época da revolta. Numa das fotos está ao lado de João Cândido quando este lê no *Diário Oficial* o decreto de anistia. É sempre apresentado como “assistente” ou “imediate” do chefe da revolta. Seu nome nunca é revelado, nem nos créditos

¹¹ Sobre Dias Martins, ver as fontes já citadas. *Bom-crioulo*, o corajoso romance de Adolfo Caminha, o primeiro no Brasil a enfrentar o problema do homossexualismo, foi publicado em 1895. Caminha fora oficial da Marinha. De Gilberto Freyre, ver *Ordem e progresso*, pp. CXXVI-VII. Sobre possíveis ressentimentos de Dias Martins, ver os depoimentos coletados por Pereira da Cunha e a carta anônima de 1949. Aí, além de se salientar a atuação de Dias Martins, ataca-se cruelmente a João Cândido. A carta repete em parte o depoimento do ex-marujo citado por Pereira da Cunha. Além de não ter participado da preparação da revolta, João Cândido seria odiado pelos marinheiros por ser bajulador de oficiais e alcagüete. Tais depoimentos contradizem outros, reproduzidos por jornais da época, segundo os quais João Cândido seria respeitado pelos marinheiros e reconhecido como chefe da revolta. Ver, por exemplo, o depoimento do marinheiro Eurico Fogo em *O País* de 27.11.1910. Segundo seria um “ídolo das marinhas”.

das fotos. Mais tarde, quando João Cândido já estava preso, ele aparece no noticiário pedindo baixa da Marinha (*Correio da Manhã*, 14.12.1910). Mesmo nesse momento seu nome não é revelado. É apenas o “imediatos” de João Cândido. Seria o seu Aleixo?

Apesar de generalizada, a pederastia era considerada falta grave na Marinha, punida com chibatadas (quando cometida por praças, é claro). Não consta da ficha de João Cândido punição por esse motivo. Um almirante, Luís Autran de Alencastro Graça, o acusa de procurar agradar aos oficiais, lavando-lhes a roupa, e por isso teria escapado de castigos corporais pelos vícios de alcoolismo e pederastia (Morel, 1979, p. 231). Mas o almirante não fornece evidências sobre a suposta pederastia e seu artigo é tão rancoroso que não pode ser aceito como depoimento confiável. O bordado permanece como simples sugestão de um possível amor de marujo.

Talvez não seja importante, afinal, descobrir quem sangrou o coração do *Almirante Negro*. O mais importante os bordados já nos contaram. Neles, o conegaço grandalhão, filho de escravos, acusado de primitivo, inculto e grosseiro pelos oficiais da Marinha e por parte da imprensa, revela-se uma pessoa amante e sensível. Em momento difícil da vida, chocado pela traição do governo, em que ele e os companheiros tinham confiado, e pela violência de um oficial irresponsável, traumatizado pela morte dos colegas cujos fantasmas o perseguiam, João Cândido, em vez de revolta e mágoa, fala da paixão pela Marinha, da tristeza de um adeus e de um coração ferido de amor. Do fundo da dor, João Cândido retira corações, flores, borboletas, beija-flores.

Ganha força diante dos bordados a imagem de um João Cândido temeroso da violência que a revolta pudesse gerar, tanto dentro dos navios como na cidade; de um João Cândido preocupado em controlar lideranças radicais; de um João Cândido ansioso por restabelecer a ordem após a vitória do movimento; de um João Cândido dedicado à Marinha e orgulhoso de ser marinheiro; de um João Cândido amigo de praças e oficiais; de um João Cândido que escondia, sob a aparência de um toco conegaço, um coração mole e sentimental.

Quando o repórter do *Correio da Manhã* chegou a bordo do *Minas Gerais* no dia 26 de novembro, ouviu dos marinheiros que João Cândido era “fera”, enérgico, mas também “um grande coração”. A propósito, o jornal reproduz artigo de Virgílio Várzea, publicado pela primeira vez em 1909, em que se conta um episódio da vida do marinheiro, relatado pelo almirante Alexandrino. Quando comandante do encouraçado *Riachuelo*, Alexandrino conhecera João Cândido, que nele esteve embarcado por mais de cinco anos. Achava-o o mais indisciplinado marinheiro a bordo, constantemente sob castigos que o impediam de ir à

terra. Provocador, brigão, capoeira. Certo dia, Alexandrino o viu dando de esmola a uma velha aleijada todo o seu soldo de cinco mil-réis. Decidiu elogiá-lo diante da tripulação do navio. O grandalhão chorou e passou a ter comportamento exemplar (*Correio da Manhã*, 27.11.1910).

Os bordados revelam que este grande coração sangrava por todos os lados. Sangrava pela perda do *Minas Gerais* no desenho cobiçado por Antônio Guerra; sangrava pela perda de um amigo, talvez Dias Martins, em *O adeus do marujo*; sangrava, enfim, em *Amôr*, pela perda de uma paixão oculta.

Para os que se preocupam em construir o mito de João Cândido como o herói de uma classe ou de uma raça, como o líder determinado e incontestado da revolta dos marujos, as revelações dos bordados podem parecer perturbadoras. Para os que preferem valorizar os aspectos humanos dos personagens históricos, para os que respeitam mais os heróis quando mais humanos parecem, os bordados são uma contribuição preciosa para a biografia de João Cândido.

Em sua forma ingênua, em seu rico simbolismo, os bordados de São João del Rei nos bordam um João Cândido maior do que o construído por seus detratores e mais autêntico do que o mitificado por seus admiradores.

CARVALHO, J. M. de. 'Os bordados de João Cândido'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, II (2), 68-84 jul.-out. 1995.

Dois bordados, pela primeira vez revelados, feitos por João Cândido, servem de base para revisão e ampliação dos conhecimentos sobre a personalidade do mais conhecido líder da Revolta dos Marinheiros de 1910, também conhecida como a Revolta da Chibata. Os bordados permitem ainda esclarecer aspectos da vida cotidiana dos marinheiros da época.

PALAVRAS-CHAVE: João Cândido, Marinha, marinheiros, Revolta da Chibata, bordados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- | | |
|---|---|
| Amado, Gilberto
29.11.1910 | 'João Cândido'.
<i>O País</i> . |
| Barbosa, Rui
1971 | <i>Obras completas</i> . (Discursos Parlamentares).
Rio de Janeiro, MEC, vol. XXXVII, 1910. |
| Belo, Luís Alves
de Oliveira
(s.d.) | 'Suscintos elementos autênticos da vida do ex-marinheiro João Cândido na Marinha de Guerra entre os anos 1895-1912'. (datilo.)
Arquivo Histórico da Marinha. |
| Caminha, Adolfo
1991 | <i>Bom-crioulo</i> .
Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura. |

- Freyre, Gilberto
1974 *Ordem e progresso.*
3ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, vol. I, pp. CXXVI-VII.
- Lacombe
28.11.1910 Correspondência do encarregado de Negócios da França. Quai d'Orsay,
Brésil, Politique Intérieure, NS 6, nº 181.
- Martins, Hélio Leôncio
1988 *A Revolta dos Marinheiros.* São Paulo, Cia. Editora Nacional/Serviço de
Documentação Geral da Marinha.
- Morel, Edmar
1979 *A Revolta da Chibata.*
3ª ed., Rio de Janeiro, Graal.
- Pereira da Cunha,
Heitor Xavier
1910 *A revolta da esquadra brasileira em novembro e dezembro de 1910.*
Rio de Janeiro, Imprensa Naval.

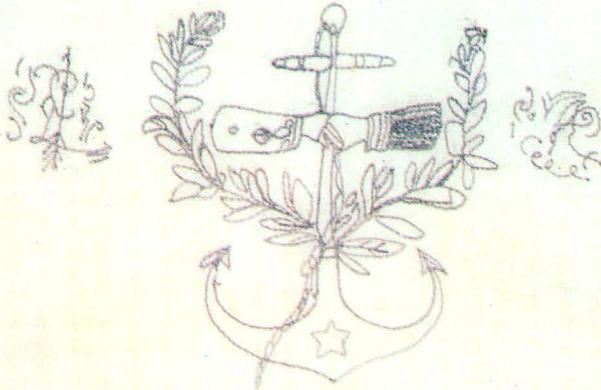
Recebido para publicação em junho de 1995.

S.C.F.

O Adeus do —

Marujo

Ordem

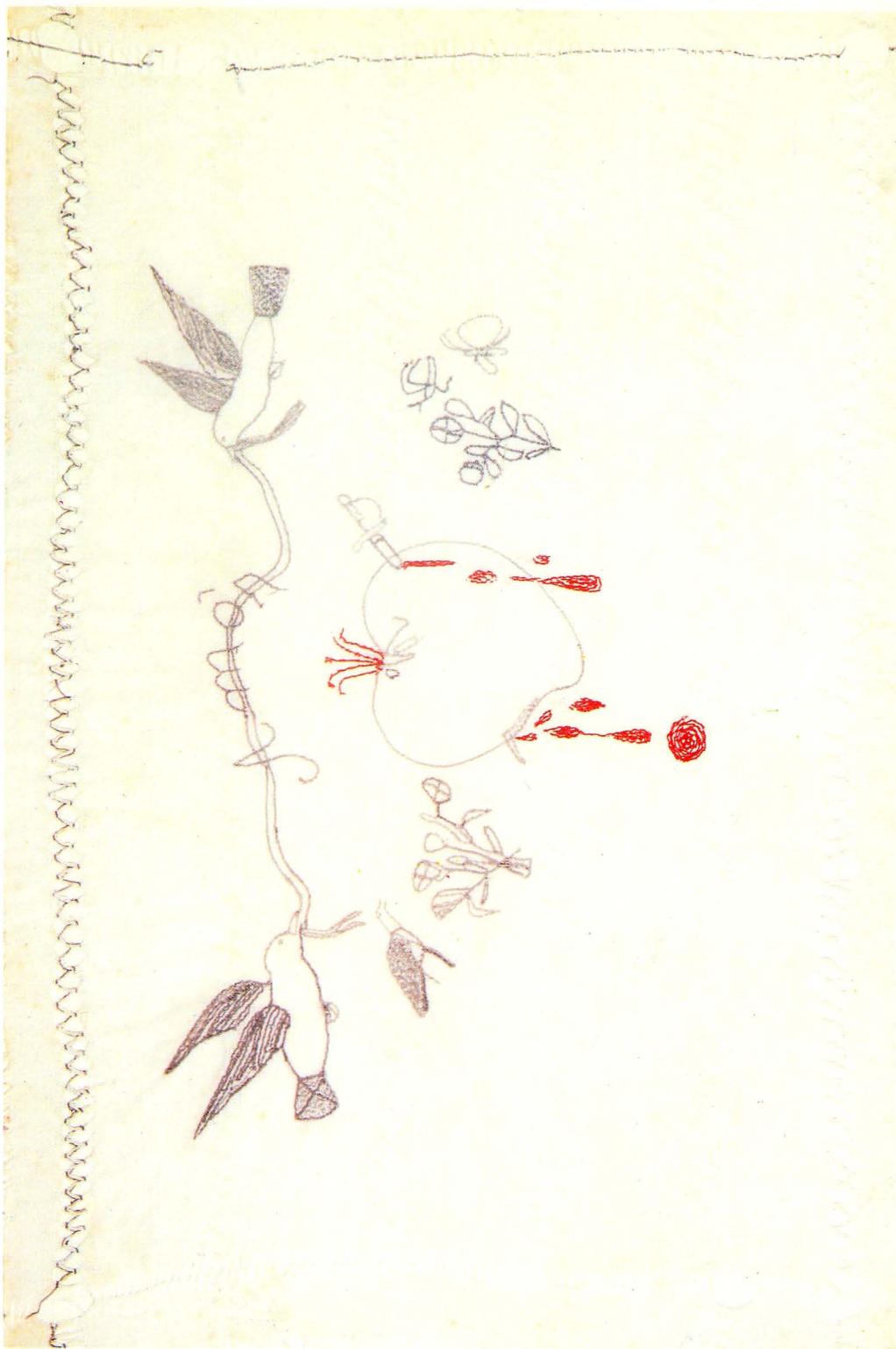


F. D. Martins

Liberdade

XXII - V - bro - MCMX

O adeus do Marujo, bordado de João Cândido.



Amôr, bordado de João Cândido